

Editorial

É com satisfação que apresentamos aqui um novo número da *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, contendo contribuições de pesquisadores da filosofia clássica alemã provenientes de universidades localizadas em diferentes países do mundo. A seleção dos artigos para esta edição foi baseada no trabalho de avaliação de pareceristas cegos. Este trabalho foi coordenado pelo Conselho Editorial da *REEH* e recebeu o apoio também do Conselho Científico de nossa revista. O trabalho de editoração deste novo número foi diretamente organizado pelo Prof. Federico Sanguinetti. Fundamental também para a edição deste número foi o apoio logístico da diretoria da *Sociedade Hegel Brasileira*, particularmente, de seu presidente, Prof. Dr. Ricardo Tassinari, da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

O tema deste número é “Hegel hoje”.

O número se abre com o artigo de Franz Knappik (University of Bergen), *Gêneros objetivos e teleologia em Hegel: da natureza à sociedade*, que investiga os fundamentos metafísicos da filosofia social de Hegel. Em particular, Knappik foca na analogia hegeliana entre Estado e organismo, mostrando seus limites e apontando para elementos teóricos que, segundo o autor, são interessantes independentemente da visão de Hegel sobre sociedade e política.

Segue o artigo de Suze Piza (Universidade Federal do ABC), *O paradoxo de Hegel: liberdade e escravidão nas colônias*. A autora discute a interpretação de Susan Buck-Morss, segundo a qual a concepção da liberdade proposta por Hegel na *Fenomenologia do espírito* pode ser explorada para fundamentar a ideia de uma história universal depurada dos preconceitos eurocêntricos. Movendo de uma abordagem decolonial, Piza argumenta que não é possível preservar uma ideia de universalidade que não carregue consigo consequências excludentes. Portanto, devido à sua marca colonial, a autora sugere que o pensamento de Hegel não pode ser aproveitado para produzir um pensamento autenticamente emancipatório nos dias de hoje.

No seu artigo *Hegel in the Americas: Interpretive Assimilation and the Anticolonial Argument*, Kevin Harrelson (Ball State University, Indiana) contrasta duas tendências presentes na recepção de Hegel nas Américas: por um lado uma tendência à assimilação que tenta apresentar as teses de Hegel como sendo atuais e relevantes para o debate filosófico contemporâneo; pelo outro lado, uma abordagem que investiga o impacto das ideias de Hegel e da sua recepção na formação (da visão) do mundo em que vivemos. Harrelson argumenta que



a abordagem assimilativa (mais presente na América do Norte), na tentativa de tornar Hegel mais próximo a nós, acaba por tornar-nos demasiado próximos a ele, enquanto uma abordagem histórica (mais presente na América do Sul) pode oferecer contribuições mais relevantes.

Maria Cristina Longo Cardoso Dias (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) reconstrói a recepção marxiana da dialética de Hegel no seu artigo *A recepção da dialética para Marx*. A autora mostra que Marx tem interpretado a dialética como uma característica do modo de produção capitalista, que revela sua natureza intrinsecamente contraditória.

O artigo de Polyana Tidre (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) *Hegel e a população* destaca como Hegel já tinha observado (antes de Marx) uma polarização crescente entre ricos e pobres, que faz surgir uma forma peculiar de subjetividade característica da “população”. A autora reconstrói as soluções propostas por Hegel a este problema da sociedade civil burguesa e as examina a partir das perspectivas de autores contemporâneos como Ruda, Žižek e Honneth.

Em *A punição como reconciliação em Hegel*, Daniel De Vasconcelos Costa (Universidade Federal de Goiás) propõe uma interpretação da teoria penal de Hegel que vai contra a leitura atualmente mais popular. Enquanto a interpretação considerada ortodoxa considera a teoria penal de Hegel como sendo uma teoria retributiva, De Vasconcelos sugere que a abordagem hegeliana poderia ser interpretada mais corretamente como uma instância da teoria unificada da prevenção geral positiva.

No artigo *Da alienação constituída à alienação constitutiva: pensando o lugar da ideologia em Slavoj Žižek*, Ana Carolina Nunes da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Vinícius B. C. de Sousa (Universidade Federal de Ouro Preto) discutem a proposta žižekiana segundo a qual a ideologia teria analogias importantes com a concepção psicanalítica de fantasia – em particular na sua formulação lacaniana – destacando a influência hegeliana na constituição destas teorias.

Luiz Fernando Barrére Martin (Universidade Federal do ABC) reconstrói em *O pensar como objeto da filosofia e seu ensino em Hegel* a compreensão hegeliana da filosofia relacionando-a com as considerações hegelianas acerca do ensino da filosofia. O autor leva a cabo esta tarefa analisando os textos de metodologia do período de Nuremberg, em que Hegel era diretor e professor do Ginásio.

A concepção hegeliana da autoconsciência é o tema central do artigo *Filosofia como autoconhecimento: uma chave argumentativa para compreender o idealismo de Hegel* de Konrad Utz (Universidade Federal do Ceará). Utz sustenta que o idealismo de Hegel, embora

frequentemente considerado exagerado em suas pretensões justificativas, fornece uma solução interessante para resolver o problema, ainda atual, de como pensar a autorreferência e referência ao outro.

Giorgia Cecchinato (Universidade Federal de Minas Gerais) oferece em *Argos e o animal anfíbio* uma discussão da leitura da estética de Hegel proposta por Robert Pippin, destacando aqueles que, na visão da autora, seriam os limites da interpretação do autor acerca da compreensão hegeliana da arte e da modernidade.

O número conta também com dois artigos de caráter mais geral.

La problematicidad de la reflexión anticipada en la Lógica de Jena: de la metacategoría de la Infinitud a la fundación de la Relación, de Leonardo Mattana (Universidad Autónoma de Madrid), foca na transição entre o momento da Infinitude e o momento da Relação na *Lógica de Jena 1804/05* para discutir a relação entre lógica e metafísica em Hegel. A intenção do autor é ressaltar os problemas que dizem respeito à formulação da dialética presentes neste esboço sistemático juvenil.

Finalmente, em seu *La teoría de la percepción en Hegel: una reconstrucción. De la dialéctica a la lógica epistémica*, Daniel Brauer (Universidad de Buenos Aires) interpreta o tratamento hegeliano da percepção na *Fenomenologia do espírito* como uma análise crítica das assunções implícitas nas teorias da percepção da modernidade. Embora não identifique o tratamento hegeliano com uma teoria da percepção explícita, Brauer sustenta que é possível reconstruir a partir dele a visão hegeliana acerca da percepção.

Muito nos alegra o fato de divulgarmos aqui trabalhos de autores de tão diferentes origens e nacionalidades, e esperamos com isto contribuir ainda mais para a divulgação da pesquisa filosófica sobre Hegel e o idealismo alemão.

Boa leitura a todos!

Editora Chefe

Márcia Cristina Ferreira Gonçalves